

**6o. Domingo do Tempo Comum - 2019**

**As Bem-aventuranças segundo Lucas**

Amados irmãos, que a paz do Senhor seja abundante em sua vida!

No sexto domingo do Tempo Comum deste ano (13.2.2022), somos agraciados com a passagem narrada por Lucas, referente ao chamado “Sermão da Montanha”, ou “Sermão do Monte”, no qual Jesus chama a atenção dos presentes, e de todos nós, para quatro bem-aventuranças, ou beatitudes, associadas às paralelas quatro maldições. Beatitude significa felicidade, beatificar é tornar-se extremamente feliz. Até a chegada desse momento, tanto Lucas, como Mateus, destacam a caminhada de Jesus por toda Galiléia, pregando e curando, de forma tão extraordinária que leva o povo a segui-lo, buscando por sua Palavra e suas curas. Sem dúvida, o Sermão da Montanha pode ser considerado como um dos pontos chaves do Evangelho de Jesus, no qual Ele aponta o caminho para que o homem possa se tornar abençoado, repleto de bem-aventuranças celestiais.

Convidamos, então, todos vocês a, juntos, lermos e refletirmos sobre o texto de Lucas que passamos a nos debruçar a seguir.

Naquele tempo, 17[Jesus] desceu com eles e parou num lugar plano, onde havia numeroso grupo de discípulos e imensa multidão de pessoas de toda a Judéia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e Sidônia. (...) 20Erguendo então os olhos para os seus discípulos, dizia: “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. 21Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir. 22Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e proscreverem vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem. 23Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque no céu será grande a vossa recompensa; pois do mesmo modo seus pais tratavam os profetas. 24Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação! 25Ai de vós, que agora estais saciados, porque tereis fome! Ai de vós, que agora rides, porque conhecereis o luto e as lágrimas! 26Ai de vós, quando todos vos bendisserem, pois do mesmo modo seus pais tratavam os falsos profetas”. (Lc 6,17.20-26)

Antes de entrarmos nos detalhes do Sermão de Jesus em questão, merece destaque a comparação do Sermão da Montanha narrado por Lucas e por Mateus.

Lucas nos traz um sermão reduzido, com quatro Bem-aventuranças e quatro ameaças, ou os chamados “ais”. Narra o episódio ocorrido em um lugar plano, após Jesus descer a montanha, o que, a princípio, descaracterizaria o chamado “Sermão da Montanha” ou “Sermão do Monte”. Por outro lado, Mateus nos apresenta um sermão feito sobre a montanha, que seria, talvez, uma das colinas próximas de Cafarnaum, com uma quantidade dobrada de beatitudes – oito – sem apresentar, no entanto, as maldições. Certamente, tais distinções não se caracterizam como contradições, elas ocorrer pelo fato dos dois evangelistas dirigirem-se a públicos distintos.

Mateus, como sabemos, escreveu especialmente para judeus, razão pela qual traz Jesus como um novo e perfeito legislador que apresenta aos presentes, e a todos nós, suas Bem-aventuranças. Para tanto, encontra-se sobre um monte, juntamente com seus apóstolos, tal qual fez Moisés no Monte Sinai, acompanhado dos anciãos, ao trazer os Dez Mandamentos para o seu povo. A mesma razão sustenta o detalhamento das beatitudes apresentadas por Mateus, incluindo algumas relacionadas à Lei judaica. De forma distinta, Lucas direciona seu Evangelho para além dos hebreus, não se limitando aos costumes, tampouco às tradições daquele povo. Jesus situa-se, assim, em uma planície, após descer do monte, falando para a multidão, juntamente com seus apóstolos. Dessa forma, evidencia-se, tão somente, uma adequação geográfica e uma abordagem de pontos mais adaptados ao público alvo da mensagem, não havendo qualquer contradição entre os dois evangelistas ao narrarem o sermão de Jesus em tela.

Partindo da lógica acima apontada, em que pese ambos os evangelistas trazerem Jesus apontando princípios básicos para os seus verdadeiros discípulos, cuja recompensa celeste também está indicada, o Cristo em Lucas direciona tais atos requeridos aos presentes, como se eles assim agissem, utilizando um sentido terno e pessoal, diferentemente de Mateus, que nos traz Jesus utilizando, em seu sermão, a terceira pessoa.

Outro aspecto que merece ser lembrado aprioristicamente diz respeito à inserção do Sermão da Montanha na primeira parte do Evangelho narrado por Lucas, na qual o evangelista nos apresenta Jesus anunciando seu programa libertador, sua missão salvadora em nosso meio, na busca da libertação plena da humanidade. Tal missão, segundo a explicação do próprio Jesus, envolve: a evangelização dos pobres, tanto os desprovidos de recursos materiais, como, também, os pobres de espírito; o dar a luz àqueles que não veem o seu verdadeiro caminho, especialmente por não conseguirem enxergar a presença de Deus em sua vida; e o libertar os cativos do mundo, principalmente os que se encontram aprisionados pelas amarras das ilusões. Assim, pode-se dizer que toda esta parte está vinculada ao episódio ocorrido na sinagoga de Nazaré, quando Jesus nos apresenta seu programa, trazendo-nos as palavras do profeta Isaías: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos* (...)” (Lc 4,18).

Pelo exposto, Jesus apresenta-se não mais como os profetas que o antecederam, responsáveis pelo conforto esperançoso dos que estavam em cativeiro, por opressão ou ignorância, mas sim como o próprio Deus vivo e encarnado que oferece, além do consolo, a própria libertação a todos os que se propuserem a ouvi-Lo e segui-Lo, do sofrimento, da opressão, da injustiça, do desânimo, do medo, do egoísmo e das ilusões do mundo. Vemos, então, o próprio Cristo Jesus disponibilizando-se a todos os que acolherem sua Palavra, indiscriminadamente. E Lucas, na passagem ora em destaque, traz-nos Jesus indicando o caminho, o caminho a ser seguido, o caminho que possibilita a verdadeira transformação, a real libertação, a perfeita auto realização.

Nessa linha, o Evangelho base de nossa reflexão de hoje, proclama “felizes” os que constroem a sua vida sob a luz dos valores apresentados por Deus, por meio das palavras de Jesus, ao mesmo tempo que infelizes permanecerão aqueles que optam pelo egoísmo, pelo orgulho e pela autossuficiência. Assim, os preferidos de Deus não são os que fazem parte de grupos, raças, religiões ou culturas específicas, mas sim os que vivem na humildade, na simplicidade e na mansidão, bem como aqueles que são perseguidos por proclamarem e viverem a Palavra de Deus, pois, à luz dos critérios do mundo, eles são desgraçados, marginais e incapazes de se fazerem ouvir ao anunciarem a verdade divina.

Lucas nos traz Jesus apresentando as Bem-aventuranças relacionadas à pobreza, à fome, à tristeza convertida em choro e à rejeição pelos homens por conta de serem seguidores do Cristo Jesus.

Quando refere-se à pobreza, Jesus não o faz de forma imaginária, idearia, mas aponta diretamente para os “pobres” presentes, incluindo cada um de nós, utilizando o pronome “vós”, agindo assim de forma afetuosa e acolhedora. Não se direciona, apenas, aos pobres desprovidos de recursos materiais, mas, principalmente, aos pobres de espírito, forma apresentada por Mateus, os que estão totalmente destituídos de refinamento superficial e ilusória riqueza aparente, especialmente a espiritual. Aqueles que são capazes de, humildemente, reconhecerem em si a real pobreza, pois, de fato, somos mendigos espirituais, absolutamente dependentes da graça e da misericórdia divina. Ser pobre de espírito é ver-se despojado de si, é abrir mão do ego com seus vangloriosos adornos, é desapegar-se da matéria e da relação egoística com as coisas e pessoas. Porém, aqueles que se veem plenos de si, orgulhosos do que têm e do que são, física, material e espiritualmente, com altivez e arrogância, imaginando-se ricos, plenos, independentes e autossuficientes, jamais sentirão a presença compassiva de Deus, impossibilitando-os de estarem presentes no Reino de Deus, no aqui e agora, e no porvir. Mesmo o homem mais rico materialmente é paupérrimo espiritualmente, pois todos dependemos plenamente do poder de Deus e tal realidade faz parte da condição humana.

Em seguida, Cristo Jesus destaca a bem-aventurança dos que sentem fome e, mais uma vez, a aparente condição humana, agora com a carência alimentar, não caracteriza-se como o universo abordado por Jesus. Trazemos, mais uma vez a narrativa de Mateus ao completar esta bem-aventurança dizendo “*... os que têm fome e sede de justiça ...*”. A saciedade neste momento indicada por Jesus, além de ser um alento aos famintos fisicamente, direciona àqueles que abominam a injustiça, a exploração dos seres, e mais, os que almejam a justiça, com fome e sede, metaforicamente falando, uma intensa busca que chega no limite da sobrevivência, são aqueles que almejam o correto agir nas questões tanto materiais, como nas espirituais; eles não conseguem viver sem o “*cumprimento dos supremos deveres da existência*”. Além desta afirmação, Paramahansa Yogananda, líder espiritual indiano, escrevendo sobre as Bem-aventuranças, diz:

Os prazeres sensoriais pertencem ao corpo e à mente inferior; eles não oferecem nenhum sustento ao ser mais íntimo do homem. A inanição espiritual de que sofrem todos os que subsistem das ofertas dos sentidos pode ser aliviada somente por meio da justiça – as ações, as atitudes e os atributos que são legítimos para alma: a virtude, o comportamento espiritual, a bem-aventurança, a imortalidade.[[1]](#footnote-1)

Swami Prabhavananda, ao escrever “O Sermão da Montanha segundo o Vedanta”, conta-nos a seguinte história:

Um discípulo perguntou ao mestre:

* Senhor, como posso ter a percepção de Deus?
* Venha – disse o mestre –, vou lhe mostrar.

O mestre levou o discípulo a um lago e ambos mergulharam. De repente, o mestre cega ao discípulo e afunda-lhe a cabeça na água. Momentos depois, solta-o e pergunta-lhe:

* Então, como se sentiu?
* Oh, eu quase morri de falta de ar – disse ofegante o discípulo.

Então o mestre retrucou:

* Quando você tiver essa mesma sensação intensa por Deus, não precisará mais esperar muito pela visão dele.

Jesus, então, clama aos bem-aventurados que choram, dizendo que sorrirão, diferentemente dos que riem, pois terão luto e lágrimas. Estas não são apenas palavras de consolo aos sofredores momentâneos, garantindo-lhes a alegria futura. Cristo Jesus, com tal exortação, direciona-se àqueles que, ao verem sua pobreza de espírito, ao perceberem, de forma aflitiva, que não estão percebendo a verdade de Deus, choram agonicamente de tristeza. Vejamos que não se trata do choro resultante de perdas materiais ou de desilusões amorosas, não é o choro resultante de frustrações de esperanças humanas, mas sim da melancolia decorrente da percepção da apartação de Deus. É uma tristeza espiritual que nenhuma riqueza material consegue abrandar. Serão consolados, apenas, aqueles que, ao perceberem tal afastamento, ao se darem conta de tudo que entrepuseram separando-se de Deus, entristecerem e chorarem, pois estes estarão prontos para retornarem à presença divina.

Finalmente, Jesus chama aqueles que são odiados, expulsos, insultados e amaldiçoados, tudo isso por conta de ouvirem as suas Palavras e as transformarem em ações, por conta de seguirem seus passos, mantendo viva a presença de Cristo no mundo. Assim, os chama e os beatifica. Esses que são afastados por viverem a verdade por Cristo proclamada correspondem aos mansos e pacificadores apontados na narrativa de Mateus, pois a mansidão, no cumprimento fervoroso e fiel dos ensinamentos de Jesus, mantem-se mesmo com os questionamentos e críticas advindas do mundo. Eles não se irritam e revidam diante das agressões alheias, especialmente por não fazerem parte da realidade imposta pelo mundo. Quando as pessoas são movidas pela ignorância e pela ilusão do ego, sentindo-se cheias de si mesmas, mantém-se plenas do sentimento do “eu” e do “meu”, reagindo sempre, de forma intensa, negativa e imediata, aos ataques advindos do mundo que sempre são feitos àqueles que não comungam com seus princípios. Os mansos, no cumprimento fiel dos ensinamentos divinos, e os pacíficos, acolhendo permanente as agressões do mundo que serem importunados, manter-se-ão, sempre, leais à união com o Criador, propiciando, com isso, sua contínua presença no Reino.

Lembremo-nos que ao proclamar como bem-aventurados os pobres, os sofredores, os famintos, os mansos e os pacificadores, Jesus não está propondo a vivencia do sofrimento como base para os que desejam com Ele permanecer. Ele está, na verdade, apresentando a dinâmica própria do Reino de Deus, mantido por aqueles que se reconhecem pobres de espírito para serem preenchidos pela força do Espírito; por aqueles que, ao evidenciarem sua infelicidade por se afastarem de Deus, choram e buscam tão importante companhia; pelos que têm fome de justiça, buscando, permanentemente, o cumprimento das corretas ações diante dos outros; e por aqueles que, mesmo agredidos pelo mundo por não estarem atrelados a ele, mantem-se fieis aos princípios de Deus.

Olhemos, agora, para nós mesmos, situemo-nos na fala de Jesus ao nos apresentar seu sermão, reconheçamo-nos no contexto das Bem-aventuranças, refletindo sobre nossas ações ou falta de atitudes, sobre nossa fala ou o nosso calar, sobre como nos posicionamos neste mundo, se seguimos suas ilusões que alimentam nosso ego ou se estamos caminhando em direção ao Pai pela estrada de sua Verdade.

Lembremo-nos sempre que ser cristão não é intitular-se ao abraçar formalmente um caminho religioso. Ser cristão é trilhar a estrada com Jesus, seguindo seus ensinamentos e concretizar sua verdade.

Que a paz do Senhor esteja sempre presente em sua vida.

Um fraterno abraço,

Milton Menezes.

1. YOGANANDA, Paramahansa. A yoga de Jesus. Self-Realization Fellowship. 2010. [↑](#footnote-ref-1)